



TEXTO DE REFERÊNCIA

Módulo III

O Socialismo no Mundo Contemporâneo

Aula 2

O Socialismo depois da III Internacional

O Socialismo depois da III Internacional

Robério Paulino¹

Este texto tem como objetivo apresentar sucintamente os caminhos que tomaram as idéias socialistas a partir da criação da III Internacional, organização socialista impulsionada pelo triunfo da Revolução Russa, talvez o fenômeno político mais importante e que marcaria de forma mais decisiva a história do século XX. Discute-se aqui, portanto, essencialmente o que veio a se chamar de **sistema soviético** ou *socialismo real* e as críticas feitas àquele modelo de “socialismo”. Ao final, apontam-se rapidamente algumas poucas idéias do revolucionário italiano Antônio Gramsci, pela importância que tem seu conhecimento para todo militante socialista.

O debate na II Internacional: Reforma ou Revolução

Para entender as origens da III Internacional é bom retomar, ainda que rapidamente, os debates dentro da II Internacional, no início do século XX. Em 1889, foi criada em Paris a II Internacional (ou Internacional Socialista). Como Marx havia morrido em 1883, Engels, também chamado “o segundo violino”, foi o grande impulsionador da fundação desta organização. A II Internacional surge em um momento de expansão do capitalismo, em que as forças produtivas

¹ Robério Paulino é doutor em História Econômica pela USP, economista e professor.



estavam em rápido crescimento e conseqüentemente as organizações da classe operária ganhavam corpo e força.

Com o aumento das condições materiais da classe trabalhadora, permitido pela existência de margens de concessões do capitalismo da época, o movimento operário vivia um avanço que permitiu o fortalecimento de suas organizações sindicais e de seus partidos. Era um momento em que a classe trabalhadora estava em intensa mobilização e obtendo conquistas nas legislações trabalhistas dos países, como aumentos salariais, férias remuneradas, redução da jornada de trabalho, limitação do trabalho feminino noturno, entre outras.

A II Internacional passou a contar com partidos massivos em suas fileiras, atraiu e organizou amplos setores da classe trabalhadora, ligando-se às grandes organizações sindicais surgidas na época. A principal seção da II Internacional era o partido social-democrata alemão. Esse partido foi o centro da Internacional Socialista bem como o palco de suas principais polêmicas.

Já em 1889, Rosa Luxemburgo, uma grande liderança do partido social-democrata alemão, explicitava em seu trabalho *Reforma ou Revolução* o que para ela devia ser posição da social-democracia acerca das conquistas parciais na esfera do capitalismo. Defendia que as lutas pelas reivindicações democráticas, por reformas parciais que garantissem melhores condições de vida aos trabalhadores dentro do sistema capitalista eram apenas os meios através dos quais a social-democracia deveria atingir seu objetivo final: **a Revolução Social**. Essa foi a posição majoritária na II Internacional por alguns anos depois de sua fundação.

Com a possibilidade de obtenção e ampliação de conquistas parciais dentro do capitalismo naquele período, as lideranças sindicais e políticas social-democratas foram, no entanto, sendo envolvidas na lógica do capitalismo liberal; as posições socialistas originais mais radicais foram perdendo espaço e se fortaleceram as posições mais brandas que tinham por objetivo apenas conquistar avanços parciais para a classe trabalhadora a partir da ação sindical, sem, no entanto, questionar o próprio capitalismo, posições que passaram a ser chamadas de *reformismo* pelos seus críticos. Kautsky era o mais conhecido representante da vertente reformista.



O auge desse primeiro ciclo de fortalecimento da II Internacional se deu com a Revolução Russa de 1905, que foi derrotada. Depois daquele ano, a mobilização da classe trabalhadora européia retrocedeu e conseqüentemente o ímpeto da II Internacional também arrefeceu. A partir de 1906, passaram a prevalecer decisivamente dentro do partido social-democrata alemão as posições que viam as reformas sociais como um fim em si mesmo, que pretendiam garantir a conquista do chamado *Programa Mínimo*. Tais concepções partiam da premissa que a economia capitalista estava em expansão, de que o desenvolvimento das forças produtivas permitiria elevar as condições de vida dos trabalhadores através de reformas parciais na esfera do capitalismo, além de alargar as liberdades democráticas, o que seria possível através do fortalecimento dos organismos de representação dos trabalhadores, como os sindicatos, por exemplo, e através da eleição de um número cada vez mais deputados pelos partidos social-democratas nos parlamentos nacionais. A prevalência dessas posições levaria em breve a uma ruptura com aqueles que continuavam defendendo as posições de **revolução social** contra o capitalismo, como Rosa de Luxemburgo e Lênin, então dirigente do partido social-democrata russo. Em sua obra *A revolução proletária e o renegado Kautsky*, de 1918, Lênin afirma que Kautsky e os dirigentes reformistas transformavam o marxismo em uma doutrina liberal que admite uma luta de classes não-revolucionária do proletariado, mantendo toda a sua essência, mas extraindo dele os meios revolucionários de luta.

A divisão diante da guerra imperialista

O elemento decisivo, no entanto, para a primeira ruptura na II Internacional foi a polêmica acerca dos créditos de guerra durante a 1ª Guerra Mundial, votados pelos parlamentos nacionais, aos seus governos. Com a industrialização acelerada de outros países além da Inglaterra e França, como, por exemplo, Alemanha, Japão, Estados Unidos e Itália, as principais potências capitalistas do mundo, dentro do que se veio a chamar de **fase imperialista do capitalismo**, irão se jogar em um primeiro e grande conflito guerreiro de caráter mundial. Aqueles países de industrialização retardatária também demandavam novas fontes de matérias-primas e energia para suas indústrias e novos mercados para seus produtos, o que só podiam buscar fora de suas fronteiras e chocando-se com as potências já estabelecidas, como Inglaterra e França. As novas potências imperialistas, especialmente a Alemanha, lutarão por uma repartilha do mundo colonial e semi-colonial. Essa é a motivação primeira da Primeira Guerra Mundial.



A posição original dos socialistas até ali era de se opor às guerras imperialistas. O *internacionalismo* proletário sempre foi um dos pressupostos básicos do socialismo marxista e tem sua justificativa no caráter mundial da economia capitalista. O mercado mundial e a divisão internacional do trabalho são características da economia capitalista que tornam comuns os interesses da classe trabalhadora mundial. A luta de classes se torna internacional a partir do momento em que a exploração da mão-de-obra da classe trabalhadora também acontece de maneira global. Outra questão fundamental é que o caráter mundial da economia capitalista torna impossível a auto-suficiência econômica de um país, seu desenvolvimento por muito tempo em regime de autarquia. Assim, a luta pela construção de uma economia de caráter socialista teria que ser travada em escala mundial, pois só globalmente é que essa economia poderia sobreviver. A partir dessa concepção os socialistas se negavam a apoiar os capitalismo nacionais nas guerras entre as potências capitalistas pelo controle do mundo. Desde uma perspectiva internacionalista, se recusavam a jogar trabalhadores de um país a matarem seus irmãos de outras nações nos campos de guerra, em nome exclusivamente dos interesses dos capitalismo nacionais em sua febre imperialista. Foi a partir dessa concepção que Marx e Engels haviam fundado, em 1864, a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores).

Em 1912, com a declaração de guerra de Montenegro à Turquia, a guerra mundial era iminente. A II Internacional organizou então um congresso extraordinário na Basiléia. Esse congresso aprovou um manifesto que ficou conhecido como Manifesto da Basiléia, que afirmava o caráter imperialista da guerra e reafirmava a posição contra a guerra dos congressos anteriores, caso essa fosse declarada o manifesto propunha: “utilizar com todas as forças a crise econômica causada pela guerra para sublevar as massas e precipitar assim a queda do domínio de classe capitalista”. Lênin vai tratar mais tarde, em 1916, na sua obra *O oportunismo e a falência da II Internacional* a respeito do manifesto da Basiléia e da questão dos créditos de guerra:

“(...) o manifesto reconhece com toda a clareza o caráter espoliador, imperialista, reacionário, escravista desta guerra, isto é, o caráter que transforma a admissibilidade da defesa da pátria numa insensatez do ponto de vista teórico e num absurdo do ponto de vista prático. Está em curso uma luta dos grandes tubarões para devorar ‘pátrias’ estrangeiras. O manifesto tira as conclusões inevitáveis de fatos históricos indiscutíveis: esta guerra não pode ser ‘justificada por qualquer



pretexto de interesse popular'; ela é preparada 'a bem dos lucros dos capitalistas e das ambições das dinastias'. Seria 'um crime' se os operários 'começassem a disparar uns contra os outros'. (...)"

Com início da Guerra em 1914, inicialmente, os partidos da II Internacional organizaram grandes manifestações com o intuito de impedi-la. Como nada foi suficiente para evitar que o ímpeto imperialista do capitalismo levasse o mundo a uma carnificina que custou quase 50 milhões de vidas, restavam às seções da Internacional duas alternativas: avançar de acordo com a proposta do Manifesto da Basileia e **levar às massas à revolta contra o envolvimento de seu país na guerra** ou que cada seção da internacional apoiasse seu capitalismo nessa guerra e se envolvesse no fervor nacionalista.

A maioria dos dirigentes da II Internacional votou a favor dos créditos de guerra dos para seus governos, lançando suas classes trabalhadoras a lutar contra as outras, renegando por completo as teses internacionalistas de unidade dos trabalhadores do mundo. Os únicos partidos que não apoiaram seus governos na guerra foram o russo e o sérvio. Na Alemanha, apenas o deputado Karl Liebknecht, ligado ao setor revolucionário de Rosa de Luxemburgo, votou isoladamente contra os créditos de guerra ao governo.

Essa posição foi tomada pelos setores mais radicais da II Internacional como uma traição aos princípios socialistas. No texto *O oportunismo e a falência da II Internacional*, Lênin afirmava: “É evidente a traição ao socialismo por parte daqueles que votaram pelos créditos de guerra, entraram para os ministérios e advogaram a idéia da defesa da pátria em 1914-1915. (...)”. Para Lênin, a falência da II Internacional tinha como fator econômico a fase imperialista do capitalismo e como fator político o abandono das posições marxistas por parte dos dirigentes da social-democracia, em função das posições e privilégios que esses setores adquiriam apoiando o imperialismo de seus países.

Diante da capitulação nacionalista que tomou conta da II Internacional durante aquela carnificina, o grupo que se opôs à votação dos créditos de guerra, em minoria, organizou uma conferência em setembro de 1915, em Zimmerwald, na Suíça. Entre os presentes estavam Lênin, Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Trotsky, dirigente de uma das alas do partido social-



democrata russo. Em 1916 foi organizada uma nova conferência em Kienthal. Essas duas conferências lançaram as bases do que seria depois a III Internacional.

Bolcheviques, mencheviques e o funcionamento do partido russo

No partido social-democrata russo, a ruptura entre os setores mais radicais e os setores que viam a necessidade de aprofundar primeiro o capitalismo já havia acontecido. Em 1903 o POSDR se dividiu em dois grupos, um ligado a Lênin, que levou o nome de **bolchevique** (maioria, por terem maioria de votos no congresso do Partido) e outro ligado aos dirigentes Martóv e Plekhanov, que ficou conhecido como **menchevique** (minoria).

As diferenças fundamentais entre os dois grupos se davam em dois aspectos. O primeiro se girava em torno ao **caráter da revolução na Rússia**. Os mencheviques defendiam que antes de realizar-se uma revolução socialista, os trabalhadores poderiam conquistar o poder em aliança com a burguesia, que era necessário primeiro esperar o pleno desenvolvimento do capitalismo na Rússia. Para justificar sua posição, se apoiavam na visão de Marx, de que o socialismo só seria possível depois que o capitalismo estivesse plenamente desenvolvido, o que implicava que a revolução socialista deveria começar pelos países mais industrializados. Já Lênin e os bolcheviques defendiam a revolução socialista imediata, organizada por um partido operário disciplinado, de militantes profissionais, que tomasse o poder e implantasse uma **ditadura do proletariado** na Rússia.

O segundo ponto de divergência entre bolcheviques e mencheviques dizia respeito ao **caráter do partido necessário aos socialistas**. Na visão dos bolcheviques, para ser militante pleno do partido não era suficiente apenas concordar com as teses do partido; era necessário cumprir uma série de obrigações e requisitos como levar a política do partido para o movimento e os sindicatos e atuar de maneira unificada com a orientação do partido sob o regime de centralismo democrático. Os mencheviques discordavam da rigidez da concepção leninista e preconizavam uma organização partidária com critérios mais relaxados quanto às exigências.

O **centralismo democrático** leninista caracteriza-se por garantir que as decisões sejam tomadas dentro do partido liberdade de discussão, mas que uma vez adotada uma posição, a minoria deve acatar a decisão da maioria e implementá-la sem hesitações. Além disso, quando a discussão



interna não fosse possível por motivos de segurança do partido, todas as prerrogativas de decisão se concentrariam nas mãos da direção partidária. A propósito da discussão sobre o centralismo democrático, Rosa Luxemburgo trava uma dura polêmica com Lênin. Ela, a priori, é favorável ao centralismo democrático. Sua crítica é referente à concepção que Lênin tem de como deve se aplicar esse centralismo. Para ela, como para Lênin, o centralismo tem sua justificativa no fato de a social-democracia travar a sua luta no seio da sociedade burguesa, que tem exércitos centralizados, poder centralizado etc. O objetivo do partido seria representar os interesses gerais do proletariado, dentro de um determinado Estado capitalista, acima de quaisquer interesses particulares. Porém, ela afirmava que as condições para um centralismo efetivamente democrático não existiam na Rússia. O centralismo democrático só seria factível em um país onde a democracia burguesa já estivesse consolidada, no qual os operários têm mais espaço para se organizarem, estando, desse modo, mais educados pela luta política e pelas liberdades democráticas. Entretanto, segundo ela, numa sociedade de características absolutistas como a Rússia czarista, onde as organizações operárias são mais dispersas, anárquicas, sem tradição de debate democrático, o centralismo leninista seria perigoso.

Ela afirma que Lênin tem uma concepção ultra-centralista que, em primeiro lugar, separa os revolucionários do seu meio de atuação, que deveria se dar entre pessoas que não conhecem nenhum tipo de organização e disciplina. Em segundo lugar, para ela, o centralismo leninista coloca o comitê central do Partido acima das demais instâncias podendo, inclusive, intervir em sua organização. Dessa forma, o conjunto do partido apenas executaria as ordens do comitê central. Defende então que o centralismo deveria partir então não da imposição, mas da autodisciplina da social-democracia.

“Daí resulta além disso que o centralismo na acepção social-democrata não poderia ser um conceito absoluto aplicável do mesmo modo a todas as fases do movimento operário: é antes necessário considerá-lo como uma tendência que se vai tornando uma realidade conforme a consciência e a educação política das massas operárias durante a sua luta.”²

Estado, socialismo e ditadura do proletariado

² LUXEMBURGO, Rosa. In: *Centralismo democrático*.



Lênin, assim como Marx, compreende o **Estado como instrumento de opressão de uma classe sobre outra**. Na visão marxista, o principal instrumento que garante esse poder numa sociedade dividida em classes como o capitalismo são as Forças Armadas. O Estado burguês precisa, portanto, ser aniquilado para que a sociabilidade humana se desenvolva plenamente sem nenhuma opressão. **Uma revolução socialista pressupõe, portanto, a destruição do Estado capitalista**. Em seu lugar deveria vir um Estado operário, controlado pelos organismos auto-organizados dos trabalhadores, a luz do que indicou a experiência da Comuna de Paris de 1871. Mas **a partir de uma revolução socialista o Estado começaria a desaparecer**, a definhar. Como antes é preciso, no entanto, aniquilar a classe exploradora e desenvolver as forças produtivas da sociedade, o novo Estado operário não poderia ser aniquilado imediatamente. Isso só seria possível completamente na **fase comunista da sociedade**, uma etapa bem mais avançada, com o fim das classes sociais e quando a base material do comunismo estivesse plenamente desenvolvida. Antes seria necessário passar **por uma etapa transitória, o socialismo**, ou seja, a fase em que o proletariado tomaria o Estado para oprimir a burguesia, expropriando-lhe o capital e os meios de produção e acelerando o desenvolvimento econômico e cultural do país. A esse respeito Lênin cita as palavras de Marx:

“(...) a primeira etapa da revolução operária é a constituição (...) do proletariado em classe dominante, a conquista da democracia. O proletariado aproveitará a sua supremacia política para arrancar, pouco a pouco, todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o mais rapidamente possível a quantidade das forças produtoras.”³

A essa etapa, a da **fase socialista da sociedade**, **Lênin e Marx chamam de ditadura do proletariado**, pois ela seria uma fase de desenvolvimento da democracia entre os trabalhadores, mas de ditadura destes sobre a burguesia. Em 1918, Kautsky escreve em seu livro *A Revolução Proletária* **uma crítica à concepção de ditadura do proletariado**. Ele afirma que o termo *ditadura* significa o fim da democracia ou o poder pessoal de um indivíduo não subordinado a nenhuma lei senão às suas próprias. Afirma que a ditadura difere do despotismo porque a primeira se refere ao poder transitório e a segunda a um poder estrutural, estável. Dessa forma, para se

³ Marx, citado por Lênin. *O Estado e a Revolução*. pág 30.



contrapor à concepção de ditadura do proletariado em Lênin, conclui que Marx não utiliza a palavra *ditadura* em um sentido literal:

“Literalmente, a palavra ditadura significa supressão da democracia. Mas, naturalmente, esta palavra, tomada ao pé da letra, significa também o Poder pessoal que se diferencia do despotismo por que não se entende como instituição estatal permanente, e sim como medida extrema de caráter transitório.

A expressão ‘ditadura do proletariado’, quer dizer, não a ditadura de uma pessoa, e sim de uma classe, exclui já a hipótese de que Marx, ao utilizá-la, entendera literalmente a palavra ditadura. Não se referia neste caso a uma forma de governo, mas sim a uma situação que necessariamente haverá de se produzir em todas as partes onde o proletariado conquistou o Poder político. O fato de que Marx manteve o ponto de vista de que na Inglaterra e na América do Norte a transição pode se efetuar pacificamente, quer dizer, por via democrática, demonstra já que aqui não se referia às formas de governo.”⁴

Lênin contraria essa afirmação, pois para ele, a ditadura do proletariado não significa o fim da democracia para a classe que a exerce, significa simplesmente o fim da democracia para a classe sobre a qual a ditadura é exercida, ou seja, para a burguesia. A esse respeito, diz, em sua obra *O Estado e a Revolução*, de 1917: *“Ao mesmo tempo que produz uma considerável ampliação da democracia, que se torna pela primeira vez a democracia dos pobres, a do povo e não mais apenas a da gente rica, a ditadura do proletariado traz uma série de restrições à liberdade dos opressores, dos exploradores, dos capitalistas.”*

Esse é um dos principais aspectos em que o leninismo se diferencia tanto da visão anarquista quanto dos teóricos da II Internacional. **Para os anarquistas, a supressão do Estado deve ser imediata, mesmo no socialismo.** Já Lênin afirma que seria incorreto deixar de empregar a força, ou seja, empregar o Estado na luta contra a burguesia. Devido a isso os anarquistas acusam o leninismo de reformismo, por não defender a imediata dissolução do Estado.

Kautsky, por outro lado, não nega que o Estado, inclusive no capitalismo, é o monopólio da força empregada pela classe dominante contra a classe dominada, mas nem por isso afirma que a sua supressão é necessária, ou seja, seria possível transformá-lo por dentro. Os teóricos da II Internacional por vezes denominavam os bolcheviques de anarquistas, devido à sua concepção de que o Estado burguês deve ser destruído.

⁴ Kautsky, citado por Lênin. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*. pág 08



O que Lênin defende em *O Estado e a Revolução*, na realidade, é a **derrubada do Estado burguês e a sua substituição por outro tipo de Estado onde a produção e a administração seriam diretamente controladas pela sociedade civil**. Algo próximo ao que foi a Comuna de Paris. A organização do Estado não se daria da mesma forma que na sociedade burguesa, este seria organizado através dos **soviets, os conselhos populares deliberativos**. As funções do Estado já não deveriam ser políticas, teriam que ser reduzidas a meras funções executivas de fiscalização e registro, praticáveis por qualquer pessoa e ao alcance de toda a população.

Para tal, não seria necessário, segundo Lênin, mais do que **medidas democráticas como a plena elegibilidade e revogabilidade de todos os cargos públicos em qualquer momento e sem exceção, redução do salário dos administradores públicos para o equivalente ao salário de um operário médio, a supressão do exército profissional** permanente e sua substituição pelo próprio povo armado. Durante o socialismo, a abolição do Estado aconteceria de maneira natural; conforme o desenvolvimento econômico avançasse, este definharia naturalmente, já não seria necessário. A esse respeito Lênin cita as palavras de Engels:

“O proletariado se apodera da força do Estado e começa por transformar os meios de produção em propriedade do Estado. Por esse meio, ele próprio se destrói como proletariado, abole todas as distinções e antagonismos de classes e, simultaneamente também o Estado, como Estado. (...) Uma vez que não haja nenhuma classe social a oprimir (...) um poder especial de repressão, um Estado, deixa de ser necessário. O primeiro ato pelo qual o Estado se manifesta realmente como representante de toda a sociedade – a posse dos meios de produção em nome da sociedade – é, ao mesmo tempo, o último ato próprio do Estado. A intervenção do Estado nas relações sociais vai se tornando supérflua daí por diante e desaparece automaticamente. O governo das pessoas é substituído pela administração das coisas e pela direção do processo de produção. O Estado não é ‘abolido’: morre.”⁵

A Revolução Russa

A Revolução Russa foi o fator determinante para a fundação da III Internacional, lançando também as suas bases, que em geral partiam do pensamento leninista. A Revolução Russa foi um dos acontecimentos mais importantes, senão o fenômeno político mais importante da história do século XX. No mundo ocidental, os agentes políticos e econômicos passaram a calibrar o passo, pelo menos até a década do

⁵ Engels, citado por Lênin. *O Estado e a Revolução*. pág 21.



anos 60, pelas transformações ocasionadas por ela e pelos avanços obtidos na União Soviética - URSS, fundada em 1922, fossem a favor ou contra ela.

A Revolução Russa acelerou o tempo histórico e também terminou por ajudar nas conquistas dos trabalhadores no Ocidente durante o século XX, pois muitas delas foram fruto do medo que o capitalismo ocidental e as classes ricas tinham dos pobres e de uma revolução nos países mais desenvolvidos e industrializados. As concessões obtidas pelos trabalhadores através do Estado de bem-estar social na Europa e no mundo foram, em parte e sem dúvida, a forma que os governos capitalistas encontraram de evitar que as classes trabalhadoras de seus países se inclinassem para o socialismo.

A Revolução Russa também permitiu um acelerado desenvolvimento das forças produtivas na URSS, possibilitando a esta avançar em 50 anos talvez o que as potências capitalistas centrais como a Inglaterra levaram séculos para alcançar. O grande avanço econômico, baseado em uma economia centralizada e planificada - apesar de burocrática e sob um regime político ditatorial - que se implantou na Rússia após a revolução, foi o que permitiu à URSS conseguir muitos progressos técnicos e científicos.

Embora surgida a partir de um país atrasado, semifeudal, de capitalismo incipiente, como a antiga Rússia, a URSS pôde – assentada nas novas relações de propriedade e produção coletivas estabelecidas por uma revolução de caráter anticapitalista –, em muito pouco tempo transformar-se em um país industrializado e moderno. Durante a maior parte de sua existência, a URSS – mesmo diante do quadro de isolamento internacional – cresceu a um ritmo mais veloz do que a média dos países capitalistas, desacelerando apenas a partir da década de 70. Esse crescimento em marcha forçada e a modernização em tempo recorde, sem dúvida, permitiram ao país imensos progressos econômicos, sociais e culturais. Foi a industrialização febril dos anos 30 que possibilitou à URSS suportar a maior carga na vitória contra a máquina de guerra nazista e salvar a democracia ocidental naquele momento, sem o que a história da segunda metade do século passado poderia ter sido completamente distinta.

Contudo, a história da Revolução Russa tem início muito antes de 1917. Vejamos um pouco dela, pois é parte fundamental da história do século XX. Entre os anos de 1904 e 1905 a Rússia esteve em guerra com o Japão em disputa por territórios na China. A derrota na guerra agravou a crise econômica e o descontentamento da população em relação ao czarismo. O ano de 1905 foi o estopim de todas as contradições que a Rússia vinha vivendo, e foi marcada por uma onda



revolucionária. Protestos e greves pararam as principais cidades mais industrializadas, São Petesburgo e Moscou. O Partido Social-democrata Russo teve papel fundamental nessa insurreição. Foram criados os soviets, os conselhos populares deliberativos. No entanto, a derrota da Revolução de 1905 causou um enorme impacto nas organizações operárias do mundo todo, que entraram num período de refluxo. Lênin, no entanto, caracterizava a Revolução de 1905 como o *Ensaio Geral* para a Revolução socialista vindoura.

A 1ª Guerra Mundial agravou profundamente a situação, desequilibrou a produção industrial e agrícola, além de gerar enormes gastos com a manutenção do exército. Com o aumento nos preços dos alimentos a população foi assolada pela fome, além das pestes. O exército Russo já havia tido três milhões de soldados mortos em 1917, além de milhões de feridos. Os soldados desertavam em desespero, aos milhões, incorporando as fileiras da oposição ao regime. No dia 08 de março de 1917 (fevereiro no calendário russo), uma greve geral motivada pelo Dia Internacional da Mulher parou a cidade de São Petersburgo, capital do país. A partir daí os próximos dias foram seguidos por greves e protestos, com o exército se recusando a reprimir a população. No dia 13 de março (27 de Fevereiro no calendário Russo) o czar, sem apoio militar, teve que renunciar.

Havia dois organismos paralelos de poder, a Duma, que acabou constituindo-se como o Governo Provisório, e os Soviets, representando os organismos populares. O governo provisório tinha como presidente o príncipe Lvov e como primeiro ministro Alexander Kerensky, líder do Partido Social-Revolucionário e era apoiado pelos mencheviques. A primeira fase da Revolução Russa, a Revolução de Fevereiro de 1917, teve um caráter democrático-burguês e implementou algumas reformas democráticas como a instituição da jornada de trabalho para 8 horas diárias, a anistia aos presos políticos e exilados e a liberdade de associação e expressão. No entanto, o governo provisório manteve a participação da Rússia na guerra, que foi uma medida extremamente impopular. Lênin, no texto *Teses de Abril* (1917) defendia que os bolcheviques deveriam lutar para que a Rússia saísse imediatamente da guerra, que a Revolução fosse levada ao socialismo, defendia o poder dos Soviets, a estatização dos bancos, o fim da propriedade privada, o controle das fábricas pelos operários e terra para os camponeses. Essas passaram a ser as principais palavras de ordem levantadas pelos bolcheviques e que foram as bandeiras emblemáticas da Revolução Russa:



“Paz, pão e terra!” e “Todo o poder aos soviets!”

Em julho, o príncipe Lvov foi substituído por Kerensky e Lênin foi obrigado a exilar-se na Finlândia. Em setembro, Leon Trotsky, presidente do soviet de Petrogrado, criou a guarda vermelha, braço armado dos bolcheviques. Os bolcheviques iam ganhando poder dentro dos soviets e já contavam com 200 000 militantes, além do apoio dos marinheiros da base naval de Kronstadt. Em 06 de novembro (24 de outubro no calendário Russo) os bolcheviques tomaram Petrogrado; o encouraçado Aurora bombardeou a sede do governo, o Palácio de Inverno. Kerensky conseguiu fugir.

No dia seguinte se reuniu o Congresso nacional dos soviets de operários, soldados e camponeses que deliberou pela criação do Conselho dos Comissários do Povo, que tinha Lênin como presidente, Trotsky como Comissário das Relações Exteriores e Stálin como Comissário das Nacionalidades. As primeiras medidas da Revolução de Outubro foram a estatização da economia, com o confisco das propriedades rurais e das fábricas e assinar o Tratado de Brest- Litovsk, em março de 1918, que estabelecia a paz com a Alemanha.

A Revolução Russa teve o papel de lançar a corrente leninista aos olhos do mundo, pois até então Lênin era apenas o chefe de uma minoria no partido bolchevique russo. Suas teses de como levar a revolução adiante, sobre a necessidade e os meios para se avançar de uma situação de revolução democrático-burguesa a uma revolução de caráter socialista influenciaram todo o partido, levando à vitória da revolução de outubro e, a partir daí, lançando as bases de se como se organizar um partido revolucionário profissional e eficaz. A revolução e o pensamento leninista influenciaram decisivamente quase toda a esquerda mundial do século XX, e ainda influencia grande parte dela até hoje.

A fundação da III Internacional e os seus congressos



Em Janeiro de 1919, o Partido Comunista Russo (nome que o Partido bolchevique adotou a partir de 1918) junto com partidos comunistas de outros países, como o polonês, o húngaro, o alemão, entre outros, lançou o seguinte chamado a constituição de uma nova internacional socialista:

“Os partidos e organizações abaixo-assinados consideram como uma necessidade imperiosa a reunião do primeiro congresso da nova Internacional revolucionária. Durante a guerra e a revolução, não somente se manifestou a completa bancarrota dos velhos partidos socialistas e social-democratas e com estes a da II Internacional, como também a incapacidade dos elementos centristas da velha social-democracia na ação revolucionária. Ao mesmo tempo se distingue os contornos de uma verdadeira Internacional Revolucionária.”⁶.

O manifesto apresenta alguns pontos sobre a tática e os objetivos dos partidos socialistas. Aponta que a época atual seria a do desmoronamento do capitalismo e a da tomada imediata do poder pelo proletariado. Para tal, o proletariado deveria derrubar o Estado burguês e estabelecer o Estado operário que, através da ditadura do proletariado deve oprimir e expropriar a burguesia, sistematicamente. O Estado deve ser organizado sob a forma da democracia proletária a partir dos conselhos populares, e assim, deve desarmar a burguesia.

O primeiro congresso da III Internacional aconteceu em março de 1919, em Moscou. Teve início com uma fala de Lênin em homenagem à **Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, que haviam sido assassinados naquele mesmo ano pelas forças de repressão do governo social-democrata alemão.** O congresso adotou resoluções acerca da questão da democracia burguesa e da ditadura do proletariado. A esse respeito, as teses apresentadas por Lênin defendiam que com o crescimento do movimento revolucionário do proletariado a burguesia procurava argumentos teóricos para combatê-lo. Utilizava então, o discurso da defesa da democracia em relação à ditadura, para desmoralizar, na imprensa internacional, de maneira mentirosa, afirmava ele, os princípios socialistas.

⁶ III Internacional. Teses e resoluções.



Combatia essa crítica da burguesia afirmando que ela se apoiava nas concepções de democracia e ditadura de maneira genérica, excluindo dela o fator da classe. **Para Lenin, em nenhum país capitalista existia democracia de fato; segundo ele, o que existe é a democracia burguesa.** A classe oprimida deve se amparar no poder político e combater pela força, a resistência da classe opressora. Ele afirma que os falsos socialistas fazem o jogo da burguesia quando se apóiam no debate sobre a questão da democracia e da ditadura de maneira genérica. O parlamentarismo e a democracia burguesa são sim um avanço do ponto de vista político, se comparados com a Idade Média, mas não o são na época revolucionária, diz ele.

Critica a liberdade de reunião irrestrita como um exemplo dessa democracia genérica. Defende que a liberdade de reunião não deve ser permitida aos exploradores, da mesma maneira que a burguesia em sua época revolucionária não permitiu a liberdade de reunião da monarquia restauradora. Tampouco a burguesia, por mais democrática que se afirme, não permite nos marcos do capitalismo a liberdade de reunião dos operários. Mantém a mesma posição em relação à liberdade de imprensa, esta seria um mito, pois no capitalismo quem detém as impressoras, os papéis, é a burguesia. **A imprensa está nas mãos de quem detém os meios de produzi-la, portanto a liberdade de imprensa nos marcos do capitalismo é também um mito para Lênin,** a imprensa deve ser libertada das mãos dos capitalistas. Outra deliberação importante do 1º Congresso foi sobre a necessidade de se ampliar e aprofundar a organização e o poder dos soviets:

“Só a organização soviética do Estado pode realmente quebrar de imediato e destruir definitivamente o velho aparato administrativo e judiciário burguês que é conservado, e deve inevitavelmente ser conservado sob o capitalismo, mesmo nas repúblicas mais democráticas, uma vez que ele é de fato o maior empecilho à prática dos princípios democráticos em favor dos operários e dos trabalhadores. A Comuna de Paris deu, nesse sentido, o primeiro passo de uma importância histórica universal; o poder dos soviets deu o segundo.”⁷

Zinoviev foi eleito o presidente do Comitê Executivo da Internacional, que era o órgão máximo entre os congressos. **A III Internacional adotou o nome de Internacional Comunista (Komintern),** pois Lênin considerava que havia um equívoco no nome de social-democrata.

⁷ III Internacional. Teses e resoluções.



O **Segundo Congresso da Internacional Comunista** aconteceu em Petrogrado, entre julho e agosto de 1920. Inúmeros partidos social-democratas solicitavam a sua integração a III Internacional, no entanto esses partidos ainda não compartilhavam da concepção bolchevique sobre a organização do partido, sobre o papel que os comunistas deveriam exercer nos sindicatos e sobre a questão do parlamento. O segundo congresso teve o papel de estabelecer esses parâmetros, foram determinadas então as 21 condições de adesão à Internacional, **apenas seria aceito como membro da Internacional o partido que discutisse internamente cada um dos 21 pontos e concordasse com todos eles. As 21 condições tinham por objetivo centralizar todas as seções da Internacional, para isso estabelecia que a imprensa do partido deveria estar submetida ao Comitê Central, que a propaganda dos partidos deveriam ter um caráter comunista, que cada seção adotasse o nome de Partido Comunista.** Esse Congresso também aprovou os estatutos da Internacional Comunista.

O **Terceiro Congresso da III Internacional** aconteceu entre junho e julho de 1921. Esse congresso caracterizou que a situação revolucionária estava diminuindo, a partir da eleição de governos social-democratas em diversos países da Europa. A crise econômica do pós-guerra causou a revolta e a mobilização dos trabalhadores nos países mais industrializados, no entanto, a sua derrota fortaleceu a burguesia e permitiu que essa intensificasse a repressão aos socialistas. Diante disso, a **III Internacional adotou a posição de organizar o trabalho político amplo, conquistando espaço dentro dos sindicatos e a simpatia das massas**, em detrimento da ação direta, imediata, que já não era eficaz nesse novo contexto. Também foi adotada a postura da **Frente Única** com todos os setores do proletariado, inclusive aqueles ligados à II Internacional para conter a ofensiva capitalista.

Outro debate foi em relação à postura do Partido Comunista Alemão, considerada ultra-esquerdista, por ter convocado em março desse mesmo ano, 1921, uma greve geral insurrecional contra o governo, que foi drasticamente derrotada. Por considerar que havia uma certa **tendência sectária e ultra-esquerdista por parte de alguns partidos da Internacional Comunista, que se negavam a se organizar a partir dos sindicatos e que não concordavam com a política de Frente Única**, Lênin escreveu sua obra *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. Também



foram discutidas questões organizativas como a Internacional Sindical Vermelha, que havia sido organizada entre o segundo e o terceiro congressos e a organização da juventude e das mulheres.

O **Quarto Congresso** aconteceu entre novembro e dezembro de 1922 e reafirmou as táticas deliberadas pelo terceiro congresso, em especial a da Frente Única. Foi discutida a ofensiva do capitalismo e a sua nova manifestação: o surgimento do fascismo. Este deveria ser combatido por meio da tática da Frente única com as demais correntes socialistas. Foram discutidas também as questões dos negros e dos países do Oriente. As organizações críticas do que veio a se chamar de stalinismo, como por exemplo, as correntes de orientação trotskysta, só reconhecem a legitimidade desses quatro congressos.

A grande maioria dos Partidos Comunistas, como o Partido Comunista Brasileiro, PCB, da época, espalhados pelo mundo estava ligada à Komintern e ao sistema soviético.

O **Quinto Congresso da Internacional Comunista** aconteceu entre junho e julho de 1924 e foi marcado pela derrota da Revolução Alemã. Devido ao caos econômico em que a Alemanha se encontrava depois da 1ª Guerra, os trabalhadores começaram a se manifestar; o Partido Comunista Alemão convocou uma nova greve geral que conseguiu derrubar o governo em agosto de 1923. No entanto, não conseguiu manter o poder e formou-se um governo composto pela burguesia e pela social-democracia. **Lênin e os bolcheviques já defendiam desde o início da Revolução Russa que a sobrevivência desta dependia da vitória de uma revolução na Alemanha, devido ao fato de esse país ter as forças produtivas mais desenvolvidas.** O congresso deliberou por novos estatutos que tinham o objetivo de “bolchevizar” todos os partidos da III Internacional.

O **Sexto Congresso** aconteceu entre julho e setembro de 1928 e foi marcado pela política do **Terceiro Período**. Há uma radicalização das posições da Internacional a partir da caracterização da situação mundial em três períodos. O primeiro, que vai de 1917 a 1923, foi considerado um período revolucionário. O segundo, que vai de 1924 a 1928, era avaliado como um período de estabilização do capitalismo. O terceiro, que estava se delineando, era o período da crise do capitalismo que levaria inevitavelmente à revolução e a derrota definitiva do capitalismo.



De fato, o mundo se preparava para entrar, **a partir de 1929, na Grande Depressão que viveu a economia capitalista no período entre as guerras. Esta crise levou a economia mundial a uma grande contração, com muito desemprego e sofrimento humano nos países centrais, agora também nos EUA.** Mas ao contrário do esperado, a crise econômica não levou somente à radicalização de esquerda. Na Alemanha o desespero da população com a grave crise econômica e com a hiperinflação abriu espaço para a ascensão do nazismo e de Hitler, que em breve levaria a humanidade a uma nova catástrofe, a Segunda Guerra Mundial.

O **Sétimo Congresso** aconteceu em agosto de 1935 e foi marcado pela política de **Frentes Populares** com outros partidos socialistas e com setores considerados progressistas da burguesia. Com o susto ocasionado pela ascensão do nazismo e na tentativa de barrar seu avanço, há uma mudança na linha da III Internacional e dos partidos comunistas, que passaram a priorizar as frentes com os partidos social-democratas e apoiar os governos democrático-burgueses, em detrimento de uma posição revolucionária. Essa política foi reforçada posteriormente com a aliança da URSS com as potências capitalistas do Ocidente para derrotar o nazismo durante a Segunda Guerra.

A III Internacional foi dissolvida em 1943, durante a 2ª Guerra Mundial como forma de garantir que os partidos comunistas não tentariam derrubar o capitalismo no ocidente.

A guerra civil, o comunismo de guerra e a NEP

Se avançamos cronologicamente na história da III Internacional, voltemos agora à cronologia do avanço da Revolução Russa e da construção da URSS para entender o que veio a se chamar de **sistema soviético** ou *socialismo real* e a própria evolução daquela organização. Logo depois da Revolução Russa, **em março de 1918, irrompeu a Guerra Civil, que se estendeu até 1921.** Os setores ligados ao antigo regime apoiados pelas potências capitalistas estrangeiras organizaram o **Exército Branco**, que invadiu grande parte do território Russo.

A guerra foi encerrada com a **vitória do Exército Vermelho sob o comando de Trotsky.** A vitória contra o Exército Branco, apoiado por forças de intervenção de quatorze países teve, entretanto, um custo altíssimo. **Os bolcheviques herdaram não só um país atrasado e isolado,**



mas também arruinado pela guerra civil, fato que aprofundou terrivelmente o atraso material na Rússia. O desemprego era massivo e a fome se alastrou.

A defesa da Revolução contra a agressão havia levado à implantação do chamado **Comunismo de Guerra**. Um regime de controle rigoroso da produção e da distribuição. **Toda a vida econômica teve que ser subordinada às necessidades geradas pela guerra**. As empresas foram nacionalizadas, a gestão foi centralizada, **os demais partidos foram proibidos em nome da unidade para combater o inimigo**. O abastecimento do Exército e das cidades exigia matérias-primas para a produção industrial além de cereais para a alimentação. A maneira utilizada para conseguir esses gêneros agrícolas foi através do **confisco dos excedentes dos camponeses**. Forçados a entregar ao Estado seu excedente de produção e comprimir mesmo aquela parcela necessária à sua sobrevivência, os camponeses limitavam o plantio e escondiam os estoques para burlar as requisições e comercializá-los no mercado negro. A resistência dos camponeses fez cair radicalmente a produção, a população das cidades fugia para o campo.

“A classe operária russa se desfazia. Os operários industriais, dos quais a maior parte era formada por ex-camponeses, voltava ao campo. Para fazer face à fome e à carência de mão-de-obra industrial, a fim de fixar os trabalhadores à indústria e evitar sua fuga para o campo, foram criados também ‘exércitos de trabalho’; os sindicatos foram mobilizados para a tarefa de disciplinar os trabalhadores e contribuir para o aumento da produção. A expressão mais radical na direção da arregimentação obrigatória da força de trabalho encontra-se na proposta defendida por Trotsky e outros no sentido da ‘militarização dos sindicatos’ e da classe operária, de maneira a soldar o operário à sua fábrica.”⁸

A esse respeito, um dos que polemizou com Trotsky foi Alexandra Kollontai, representante da **Oposição Operária**, tendência interna do Partido Comunista Russo. Ela defendia a autonomia dos sindicatos em relação ao partido bem como o controle operário sobre a produção. Lênin também se opôs a posição de Trotsky, que na prática acabava, ainda que temporariamente, com a autonomia dos sindicatos, o que terminou acontecendo depois.

Economicamente o comunismo de guerra foi uma catástrofe, gerando inúmeros levantes de camponeses e culminando no levante dos marinheiros de Kronstadt, em março de 1921, reprimidos

⁸ RODRIGUES, L.M. prefácio à *Nova Econômica*, de E. Preobrajensky, pág 18.



pelo Exército Vermelho. Após a guerra civil as proibições aos demais partidos permaneceram, pois permanecia a situação de ameaça e a possibilidade de novas agressões externas. A partir de 1921, com a vitória na Guerra Civil, mas com a economia quase paralisada, o Partido Comunista dá início à **Nova Política Econômica**, a **NEP**. Suas bases foram lançadas na obra de Lênin, *Tarefas imediatas do Poder Soviético*. A questão colocada era como retomar a produção e gerar excedente agrícola comercializável.

A NEP foi, na verdade, um recuo frente ao descontentamento nos campos e nas cidades e o reconhecimento da falência do Comunismo de Guerra como orientação econômica para o estágio de desenvolvimento das forças produtivas do país no início da década de 20. Não se poderia ainda estabelecer relações diretamente socialistas na velha Rússia atrasada e semidestruída da época. Ainda não era possível prescindir do interesse individual e do mercado como elementos estimuladores, motores para retomar a produção e construir a base material do socialismo. Assim, **a primeira medida da NEP foi restabelecer a circulação de mercadorias no campo em substituição às requisições**. Já não havia excedentes agrícolas a requisitar, então era necessário fazer com que reaparecessem urgentemente. **O X Congresso do Partido Comunista deliberou, em março de 1921, pela adoção do Imposto em Espécie, que concedia o direito de os camponeses venderem livremente o excedente de sua produção depois de terem pago o imposto. Essa medida permitiu o aumento da produção agrícola.**

Quanto às empresas, o Estado ainda manteve a posse e a gestão dos setores estratégicos, mas arrendou uma série de empresas, principalmente as de pequeno porte, para administradores capitalistas estrangeiros. **A NEP foi um retorno parcial ao capitalismo**, uma economia mista. Ao mesmo tempo em que a administração econômica era centralizada pelo Estado, ela permitia a indústria e o comércio privados.

Segundo Lênin, a economia Russa de então continha elementos tanto do socialismo quanto do capitalismo, que se apresentavam como cinco formações econômicas distintas.

- 1) Economia natural, ou patriarcal.
- 2) Pequena produção camponesa.



- 3) Capitalismo privado.
- 4) Capitalismo de Estado
- 5) Socialismo.

O elemento que predominava na economia russa, no entanto, era o pequeno-burguês, a pequena produção camponesa.

O debate econômico sobre os caminhos da industrialização

O fato de que a primeira revolução socialista tenha se dado em um país atrasado, semifeudal, submetido ao isolamento e à agressão externa forçou a história a enfrentar tarefas completamente distintas daquelas originalmente formuladas por Marx e Engels, que previam que o socialismo começaria nos países avançados. **A Revolução Russa de 1917 gerou imensos e imprevisíveis desafios, muito superiores aos problemas que esses teóricos imaginavam que o socialismo teria que enfrentar.** A luta interna no partido se dava na questão da interpretação de quais os rumos que a economia soviética deveria tomar e se traduzia na luta pelo poder político. As questões que se levantavam eram:

Seria a NEP uma concepção estratégica de construção do socialismo ou apenas um recuo tático, uma concessão aos interesses individualistas dos camponeses e pequenos capitalistas privados enquanto não se pudesse avançar mais na socialização de toda a economia e enquanto durasse o isolamento da URSS? **Como superar o atraso e construir a base industrial necessária à modernização do país** e ao mesmo tempo decisiva para sobreviver a uma próxima agressão militar das potências imperialistas? De onde viriam os recursos para a industrialização? Seria possível avançar na industrialização e na socialização da economia a partir da lenta acumulação privada do camponês ou o enriquecimento deste ameaçaria a revolução e conduziria à restauração do capitalismo? O camponês enriquecido seria assimilado pelo socialismo ou se voltaria contra este?



No plano econômico as divergências ficavam explícitas na polêmica entre Bukhárin, na ocasião, ligado a Stálin, então já no controle do partido, e Preobrajensky, alinhado com Trotsky, já na oposição. Preobrajensky era contra a NEP, defendia que ela levaria ao enriquecimento dos *kulaks* (camponeses ricos), e assim, ao surgimento de uma burguesia rural.

“O processo de nivelamento das diferenças sociais no campo foi detido; começou novamente o processo de diferenciação que se desenvolveu mais fortemente nos lugares em que a recuperação da economia camponesa se realizou com mais êxito e onde a superfície da terra cultivada aumentou... No meio da imensa decadência da economia camponesa no seu conjunto, e do empobrecimento geral do campo, vem-se formando uma agricultura burguesa de emergência.”⁹

Preobrajensky e Oposição de Esquerda de conjunto defendiam uma aceleração intensa da industrialização, com prioridade para a indústria pesada, além de uma forte cobrança de taxa sobre os camponeses, com o objetivo de atingir uma **acumulação socialista primitiva**. Preobrajensky afirmava que havia dois elementos em conflito na economia soviética, de um lado, a lei do valor e do consumo e, de outro, a planificação, identificada como acumulação socialista primitiva.

Bukhárin se opunha a essa tese de Preobrajensky, sobre os elementos em conflito na economia soviética, não concordava com o conceito de acumulação socialista primitiva e tinha uma posição favorável a NEP e a aproximação com os camponeses. Para ele, **a NEP não deveria ser apenas uma política circunstancial, pelo contrário, deveria ser pensada como uma aliança de longo prazo entre operários e camponeses**. Defendia que a construção do socialismo não poderia prescindir dessa aliança, ainda que isso significasse que o desenvolvimento econômico avançasse mais lentamente. Era através da expansão da economia agrícola que se fortaleceria a economia estatal. Era necessário, portanto, **umentar a acumulação capitalista no campo** e, nesse sentido, ele defendia uma política mais flexível em relação aos impostos cobrados dos camponeses.

“Existem ainda certos vestígios do comunismo de guerra (...) que constituem um obstáculo para nosso desenvolvimento futuro: as camadas de camponeses acomodados e as que tendem a tornar-se camponeses acomodados têm medo de acumular. Há uma situação em que o camponês hesita em construir um teto de chapa de ferro com medo de ser tratado como um Kulak; se ele compra uma

⁹ PREOBRAZENSKY, Idem. pág 12



máquina ele o fará de modo que os comunistas não percebam. As técnicas avançadas são empregadas clandestinamente. Ocorre daí que o camponês rico está descontente por que nós o impedimos de acumular, de recrutar força de trabalho... Um medo exagerado do trabalho assalariado, de acumulação das camadas camponesas capitalistas, etc., pode nos levar a conceber uma estratégia errada no domínio da agricultura (...).”¹⁰

A consolidação do stalinismo

Em 1922 foi fundada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nesse mesmo ano **Stálin foi nomeado secretário geral do Partido Comunista**. Stálin compunha um grupo com Kamenev e Zinoviev, que era chamado de *Tróika*. Esse grupo tinha maioria no Comitê Central. Lênin, que já se encontrava debilitado e afastado da política desde o final de 1922, morreu em 1924. A partir de então a luta política entre Stálin e Trotsky é intensificada pela questão da sucessão.

O atraso material e cultural do país, a militarização das relações sociais em função da guerra civil e a necessidade de compor um quadro dirigente com antigos técnicos do velho regime czarista inevitavelmente levaram ao surgimento dos mesmos vícios burocráticos e autoritários da antes na condução do Estado e do partido. Lênin já havia se dado conta da **burocratização que crescia no partido e no Estado**, mas não teve tempo de enfrentar esse processo, pois a morte o levou antes. O setor constituído pela nova burocracia estatal e partidária era dirigido por Stalin. **Lênin chegou a escrever duras críticas ao ímpeto burocrático de Stalin em seu testamento político** e havia sugerido que este fosse afastado de seu posto de secretário geral do partido. Trotsky, que veio a se opor ao processo de burocratização, não se sabe exatamente porque, foi negligente na única chance que teve de afastar Stalin do poder, no congresso do partido em 1923.

O Partido Comunista desde a guerra civil não permitia a existência de correntes internas. Ainda assim, **Trotsky organizou a Oposição de Esquerda**. No plano político, a divergência entre Stálin e Trotsky se dava quanto à via de prosseguimento da revolução internacional e a construção do socialismo na Rússia. Stálin, junto com Bukhárin, defendia a tese do **socialismo num país só**, ou

¹⁰ BUKHÁRIN, Idem. pág 25.



seja, **de que era possível construir o socialismo apenas na URSS**, e de que havia alguns países que estavam maduros para o socialismo enquanto outros não. Baseavam-se em que o ímpeto revolucionário nos outros países estava arrefecido e que a URSS era muito rica em recursos naturais e que poderia, portanto, construir sozinha o socialismo.

Trotsky defendia a tese da Revolução Permanente, ou seja, de que as conquistas da Revolução Russa só poderiam sobreviver duradouramente com a expansão do socialismo para o resto do mundo, com o alastramento da revolução mundial. A Revolução Russa, de acordo com a teoria de Trotsky, seria apenas o prólogo de uma revolução mundial e só poderia ser vitoriosa em definitivo se acontecesse uma revolução em esfera mundial.

A disputa é vencida por Stálin, que inicia um processo de depurações, eliminando de todos os postos do partido toda e qualquer oposição e mesmo os membros do partido que apoiaram as suas posições, mas que não se submetessem. Em 1925, Trotsky é destituído de seu cargo no Comissariado do Povo e em 1929 será exilado. **Em 1926 Zinoviev e Kamenev rompem com Stalin** e junto com a Oposição de Esquerda compõem a **Oposição Unida**. O programa econômico defendido pela Oposição Unida foi o mesmo apontado pela Oposição de Esquerda, teorizado por Preobrajensky.

A consolidação do sistema soviético

As coletivizações forçadas e os planos quinquenais

Em 1928, depois de ter aniquilado qualquer oposição, Stálin decide adotar medidas que permitissem uma industrialização acelerada com prioridade para a indústria pesada, ou seja, as mesmas propostas apontadas pela Oposição de Esquerda antes, mas agora com um diferencial fundamental: utilizando o **método do terror e das imposições**. Foi retomada a política de confiscos e logo depois os camponeses foram expropriados das terras que haviam conseguido na revolução, através da **coletivização forçada do campo**. Nesse processo, **milhões de camponeses e suas famílias foram brutalmente massacrados, assassinados ou deportados** por se negarem a entregar suas terras ou simplesmente discordar das posições de Stalin. Nesse momento, Bukhárin rompe com Stálin e segue defendendo a política da NEP. Trotsky, assim como Bukhárin, defendia



que a coletivização deveria ser alcançada pelo exemplo do convencimento dos camponeses quanto à superioridade da produção coletiva, pela sua maior rentabilidade e não pelas imposições e pelo terror. A coletivização forçada trouxe imensos prejuízos e contradições para a economia soviética por muitas décadas.

Em 1929 o Partido Comunista aprovou o **primeiro plano quinquenal**, que iniciou o processo de industrialização acelerada que havia sido defendido pela Oposição de Esquerda ainda na primeira parte da década. O plano estabelecia audaciosas metas anuais de crescimento que foram sendo atingidas pela mobilização compulsória de recursos e política da repressão indiscriminada. Um dos objetivos era a liquidação da classe dos *kulaks*, o que acabou sendo feito também através de seu extermínio físico. **Na década de 30 foram desenvolvidos outros três planos quinquenais que permitiram que o crescimento da URSS fosse maior que o de qualquer país capitalista em toda a história**, um crescimento febril da economia soviética, em níveis superiores ao alcançado pela China hoje em dia. Foram desenvolvidos novos ramos econômicos como a aeronáutica, a química, a eletro-técnica, o setor de máquinas e de automóveis. Esse crescimento só foi possível devido à centralização das decisões sobre os investimentos nas mãos do Estado. O Estado levou a acumulação socialista primitiva teorizada por Preobrajensky a níveis inimagináveis. No entanto, essa política foi baseada no terror, na mobilização imposta da mão-de-obra de milhões de trabalhadores e camponeses e nos extermínios destes últimos.

Foi a acelerada industrialização modernizadora da URSS que permitiu ao **exército soviético derrotar a poderosa máquina de guerra nazista**. A chegada de Hitler ao poder e a preocupação com uma agressão externa haviam levado a URSS a aumentar os seus gastos militares e sua prioridade com a indústria pesada e de defesa. O Exército Vermelho, às vésperas da II Guerra Mundial, tinha um equipamento militar de nível técnico dos mais modernos do mundo, para surpresa dos nazistas. Foram o planejamento estatal e os avanços na economia soviética que permitiram vitória soviética na guerra. Foi esse acelerado crescimento que também permitiu a URSS se recuperar da destruição da Segunda Guerra em tempo recorde e polarizar e dividir o mundo em dois como uma superpotência, contraposta aos Estados Unidos na Guerra Fria e também sair na frente em vários campos como a corrida espacial, por exemplo. **É a partir da coletivização forçada e dos planos quinquenais que levaram a um grande crescimento econômico e a**



importantes conquistas sociais e científicas, mas ao mesmo tempo do terror indiscriminado como método de luta política contra os oponentes e da eliminação física de qualquer oposição que se consolida e se delinea o que ficou conhecido como sistema soviético ou *socialismo real*.

Comparação do sistema soviético com o socialismo marxista

É importante esclarecer que o sistema soviético ou o *socialismo real* **não é sinônimo daquele socialismo pensado inicialmente por Marx e Engels.** O socialismo marxista difere em diversos pontos do chamado *socialismo real*. Do ponto de vista teórico, por sua natureza democrática, o socialismo marxista previa o fim de toda opressão contra os trabalhadores, o que é oposto à excessiva centralização burocrática e à cruel opressão ditatorial que ocorreu na URSS. Por outro lado, nem Marx, nem Engels, nem Lênin nunca pensaram que seria possível a construção de um socialismo de caráter nacional, pelo contrário este só poderia ser uma formação mundial. A URSS, mesmo com sua acelerada industrialização, não poderia, portanto, chegar ao socialismo sozinha. Na visão da oposição trotskysta, somente uma revolução nos países industrializados era a alternativa para livrar a URSS de seu isolamento. A derrota ou simplesmente a ausência de revoluções nos demais países desenvolvidos foram um fator que levaram ao isolamento da experiência soviética e contribuíram para a posterior derrocada do seu regime, bem como as agressões externas que a Rússia revolucionária e a URSS sofreram por parte das potências capitalistas, que resultaram em imensas perdas materiais e humanas, além de gerar enormes gastos e prejudicar a produção.

Para comparar o sistema soviético com o marxismo, vejamos alguns aspectos que podem ser extraídos das obras de Marx e Engels como definidoras do socialismo:

1) **Abolição da propriedade privada**, base da exploração capitalista, e imediata **socialização dos meios de produção e de distribuição e estabelecimento do planejamento econômico.**

2) **Supressão do direito burguês na esfera da distribuição.** Sob o capitalismo os trabalhadores recebem apenas uma parte de sua produção; sob o socialismo os trabalhadores, tendo



a posse dos meios de produção, receberam de maneira igualitária por aquilo que trabalharam, tendo descontados apenas uma parte que o Estado utilizaria para investir nos serviços públicos.

3) **Superação da divisão social do trabalho**, ou seja, da divisão entre o trabalho manual e o intelectual. Na sociedade capitalista, enquanto uns pensam, planejam, administram, outros executam, sem nenhum controle sobre o quê produzem ou como produzem.

4) **Desaparecimento progressivo do Estado**. Com o fim das classes sociais o Estado, entendido por Marx como instrumento de opressão de uma classe sobre a outra, não seria mais necessário.

5) **O socialismo como uma formação mundial**. Devido ao caráter mundial da economia o socialismo só poderia triunfar se ocorresse em escala mundial.

6) **O fim das relações de opressão e estabelecimento de ampla democracia para a grande massa da população**. Como o fim da exploração do homem pelo homem, deveriam desaparecer também as relações sociais baseadas na violência e em todas as formas de opressão, seja ela contra as mulheres, contra outros povos, contra qualquer pessoa. As relações sociais sob o socialismo se dariam de forma mais humana, baseadas na fraternidade, na lealdade, na solidariedade.

Apenas no ponto 1 o sistema soviético guarda relação com o socialismo marxista. Nos demais, foi, de certa forma, sua negação.

As críticas ao socialismo real

Como se demonstrou, a maneira como o processo se desenvolveu na URSS levou a algo bem distinto do socialismo proposto por Marx. Várias são as críticas que surgiram ao modelo soviético de “socialismo”. Ao invés de um Estado baseado em conselhos e que tivesse meras funções de fiscalização e controle, facilmente acessíveis a toda a população, o Estado soviético se hipertrofiou e se burocratizou tremendamente. A propriedade dos meios de produção e da terra, embora fossem declaradas coletivas, eram controladas exclusivamente pela burocracia do Estado, sem qualquer controle pelos trabalhadores. A propriedade, mesmo sendo estatal não estava nas mãos do povo, pois este não tinha qualquer participação nas decisões do Estado.



Os planos econômicos também foram construídos de cima para baixo, através da coerção, sem diálogo como os produtores diretos. A coletivização forçada da terra dos camponeses foi um exemplo de como o Estado impunha suas medidas econômicas de maneira centralizada, autoritária e cruel. O trabalho assalariado também continuou existindo; grande parte da produção dos trabalhadores lhes era subtraída, seja pela lógica acumulativa do Estado soviético, seja para manter os privilégios da burocracia. A divisão social do trabalho jamais chegou a ser superada na URSS. Na sociedade soviética se formaram duas categorias, classes ou extratos de classes sociais bem distintos. A burocracia, que se apodera de todas as tarefas de planejamento, administração e controle, mas sem uma relação direta com a produção e a grande massa de produtores sem qualquer controle sobre o processo produtivo, como no capitalismo.

O Estado soviético controlava todas as esferas da sociedade, sem nenhuma participação do povo; a burocracia tendo, assim, poderes totalitários. O regime soviético funcionava como uma ditadura de um partido único que se fundiu com ao Estado. A proibição dos demais partidos e frações, que se fez ao tempo de Lênin como algo transitório em função da guerra civil, foi mantida pelo stalinismo e transformada em pilar do regime, que também perseguiu, prendeu e assassinou seus opositores políticos, mesmo quando estes eram autênticos socialistas.

A tentativa de construção de uma Quarta Internacional

Em 1938, por não avaliar mais a orientação seguida na URSS como socialista e por acreditar que o stalinismo desviava a URSS dos princípios da revolução internacional, Trotsky liderou a fundação do que veio a se chamar a IV Internacional. Para a corrente trotskysta, a fundação da IV Internacional tem sua justificativa no abandono do **internacionalismo** por parte do stalinismo. Esta corrente do movimento socialista, o trotskysmo, considerava que a partir da tese do *socialismo num país só*, o stalinismo abandonou qualquer projeto de levar a revolução aos outros países, um dos pressupostos básicos do marxismo, segundo Trotsky. Dessa forma avaliava-se que a III Internacional perdera sua razão de ser, pois sua idéia inicial era a de organizar a classe trabalhadora de todo o mundo sob um partido mundial de trabalhadores que organizasse a revolução, que só poderia triunfar se acontecesse globalmente. E isso ela já não fazia. De fato,



Stalin extinguirá a III Internacional ou Komintern em 1943, pois há muito deixaram de soprar ventos revolucionários vindos da URSS. Se a intenção não era mais a de organizar a revolução em outros países, então ela não era mais necessária.

A fundação da IV Internacional parece ter sido uma tentativa de apontar e denunciar a burocratização stalinista e seus crimes e diferenciá-los do socialismo de Marx e Lênin. O sistema de funcionamento da IV Internacional era o mesmo que o da III; na realidade, a IV Internacional se propunha ser uma espécie de continuidade da III Internacional em sua primeira fase, quando Lênin ainda estava vivo. Contudo a duração da IV Internacional sob a condução de Trotsky foi curta. Ele foi assassinado em 1940, a mando de Stálin e a IV Internacional nunca chegou a ser uma organização com influência de massas no mundo e se dividiu em inúmeras correntes. Hoje existem vários grupos no mundo todo que se reivindicam da IV Internacional. São muitos os grupos, muitas as polêmicas entre os trotskystas que hoje defendem a continuidade da IV Internacional. No Brasil, a maior corrente política de orientação trotskysta é o PSTU (Partido Socialista dos trabalhadores Unificado). Grande parte das correntes internas do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) também são de orientação trotskysta.

Antonio Gramsci e a conquista da hegemonia da classe trabalhadora sob a democracia burguesa

Embora não esteja diretamente ligada à questão do Estado soviético, uma posição que não se pode deixar de destacar, por sua influência no pensamento socialista do século XX é a do dirigente do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci, elaborada no entreguerras. Gramsci viveu boa parte de sua vida e morreu na cadeia. Seus trabalhos versam acerca da questão de como os trabalhadores devem travar as suas lutas sob o regime da democracia burguesa para chegar ao poder. Para Gramsci, o Estado socialista que surgir de uma revolução socialista não pode ser improvisado do dia para a noite, ele seria fruto das instituições organizativas dos trabalhadores desenvolvidas dentro do regime de democracia burguesa. Os trabalhadores organizados em seus locais de trabalho e moradia, em suas assembléias deliberativas constroem os organismos de poder que devem derrubar e substituir o Estado burguês:



“Conectar entre si estes institutos, coordená-los e subordiná-los numa hierarquia de competências e de poderes, centralizá-los fortemente, porém, respeitando as necessárias autonomias e articulações, significa criar aqui e agora uma verdadeira e própria democracia operária, em contraposição eficiente e ativa ao Estado burguês, preparada desde já para substituir o Estado burguês em todas as suas funções essenciais de gestão e domínio do patrimônio nacional”.¹¹

É tarefa do partido, para Gramsci, disciplinar e educar a classe trabalhadora, orientá-la a se auto-organizar e a adquirir consciência e preparo para a tomada do poder. As comissões de fábrica são os órgãos que limitam o poder do patrão dentro da fábrica. Devem ser disciplinadas e preparadas para assumir as funções administrativas dentro desta, depois da tomada do poder. Os comitês de bairro seriam os locais onde deveriam ser organizados todos os demais trabalhadores, de outras categorias. Os socialistas deveriam fazer seu trabalho de agitação e propaganda dentro desses organismos, bem como estimulá-los a se organizar da maneira mais democrática possível, através da eleição de delegados em assembleias.

“Tal sistema de democracia operária (integrados com organizações equivalentes de camponeses) daria uma forma e uma disciplina permanente às massas, seria uma magnífica escola de experiência política e administrativa, enquadraria as massas até o último homem, habituando-as à tenacidade e à perseverança, habituando-as a considerar-se como um exército em campo que tem a necessidade de uma firme coesão se não quer ser destruído e escravizado”.¹²

O exercício da democracia operária entre os trabalhadores em seus organismos deliberativos os educaria e prepararia para a conquista do poder, transformaria as suas consciências e apenas dessa forma o Estado burguês poderia ser derrubado e substituído por organismos de poder construídos desde há muito tempo, muito antes, e bastante disciplinados e conscientes. Ou seja, **os trabalhadores e socialistas deveriam conquistar a hegemonia no seio da sociedade civil.**

É a **sociedade civil organizada quem deveria derrubar o Estado burguês e assumir suas funções.** Ou seja, o Estado socialista seria na realidade a organização da sociedade civil gerida de maneira democrática e hegemonizada pelos trabalhadores. Desse modo, o Estado socialista não

¹¹ GRAMSCI, A. *Democracia operária*. In: www.marxist.org.br
¹² Idem.



seria improvisado após a tomada do poder, mas partiria da existência de sólidas organizações representativas dos trabalhadores, onde estes já exercem o poder, de maneira democrática.

*“A ditadura do proletariado é a instauração de um novo Estado, tipicamente proletário, no qual confluem as experiências institucionais da classe oprimida, no qual a vida social da classe operária e camponesa transforma-se num sistema difundido e fortemente organizado”.*¹³

Sabe-se que a dominação burguesa não se dá apenas através da repressão, mas se dá exatamente porque esta tem a hegemonia dentro da sociedade civil. **A burguesia exerce o domínio ideológico sobre a classe trabalhadora, dominando a superestrutura da sociedade, como os meios de comunicação de massa e a educação**, por exemplo. Apenas através de suas organizações é que a classe trabalhadora se educaria e assim deixaria de aceitar os valores burgueses, que dominam a superestrutura da sociedade, como valores naturais. Assim, na mente dos trabalhadores e na superestrutura da sociedade, se travam batalhas tão importantes quanto as infra-estruturais, na luta de classes, que devem estar aliadas à estas. A posição de Gramsci destaca, portanto, a importância do trabalho cotidiano dos partidos socialistas dentro das organizações de massa, de seu fortalecimento, de seu funcionamento democrático e da auto-organização livre do povo e dos trabalhadores como preparação a construção do socialismo.

Bibliografia Consultada

BETTELHEIM, Charles. *Planificación y crecimiento acelerado*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1965.

_____. *A transição para a economia socialista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

_____. *A luta de classes na União Soviética. Vol. 1 : 1917-1923, vol. 2: 1923-1930*, 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BUKHARIN, Nicolai. *Sobre la acumulación socialista*. Buenos Aires: Materiales Sociales, 1973.

_____. *Teoria económica del periodo de transición*. Córdoba: Passado e Presente, 1974.

¹³ GRAMSCI, A. *Democracia operária*. In: www.marxist.org.br



- _____. *A Nova Política Econômica e nossas tarefas*. In: N. BOUKHARINE; L. KAMENEV; E. PREOBRAJENSKY; L. TROTSKY. *La Question Paysanne em URSS (1924-1929)*. Paris: Maspero, 1973, p. 151.
- CARR, Eric H. *A Revolução Russa de Lênin a Stalin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *Historia de la Rusia Soviética*. Madrid: Alianza Editorial, 1974. 12 vols.
- _____. *La Revolución Bolchevique, (1917-1923)*, Madrid: Alianza Editorial, 1974.
- _____. *El interregno*. Madrid: Alianza Editorial, 1977.
- _____. *El socialismo en un solo país*. Madrid: Alianza Editorial, 1974-1976, 3 vols.
- COHEN, Stephen. *Rethinking the soviet experience*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- CONQUEST, Robert et al. *Ditadura sem proletariado*. Barcelona: Afrodite, 1978.
- _____. *O grande terror. Os expurgos de Stalin*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987.
- DEUTSCHER, Isaac. *Stalin*. Londres: Harmondsworth, 1966.
- _____. *O profeta armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 -1968.
- _____. *O profeta desarmado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966-1968.
- _____. *O profeta banido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966-1968.
- _____. *A revolução inacabada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. *Ironias da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRAMSCI, A. *Democracia operária*. In: www.marxist.org.br
- HOBSBAWN, Eric. *História do marxismo*. 2. ed., 11 vols. São Paulo: Paz e Terra, 1986-1991.
- LENIN, Vladimir I. *Teoria económica y economía política de la construcción del socialismo*. México: Roca, 1974.
- _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, vol. 1, 3. ed., 1986; vol. 2, 3. ed., 1986; vol. 3, 1980.
- _____. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Hucitec, 1987a.



_____. *A Nova Política Econômica (NEP): capitalismo de Estado, transição e socialismo*. São Paulo: Global, 1987b.

_____. *O oportunismo e a falência da II Internacional*.

_____. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*.

_____. *Teses de Abril*.

LUXEMBURGO, Rosa. *Questões de organização da social-democracia russa*. In: *Centralismo Democrático*. Coimbra: Ed. Centelha, 1979.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Economia Política*. 5. ed., Lisboa: Ed. Estampa, 1977.

_____. *Miséria da filosofia*, São Paulo: Global, 1980.

_____. *O Capital*, 3. ed., São Paulo: Nova Cultural, 5 vol., 1988.

_____. *Grundrisse*. México D.F., Siglo Veinteuno Editores, vol. 1, 17. ed., 1997; vol. 2, 13. ed., 1997; vol. 3, 11. ed., 1998.

_____; ENGELS, Friedrich. *Escritos económicos vários de Marx y Engels*. Barcelona: Ediciones Grijalho, 1975.

_____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 3 vol., 1980

_____. *A ideologia alemã*, São Paulo: Hucitec, 1987.

MEDVEDEV, Roy. *Le stalinisme. Origines, histoire, conséquences*. Paris, Seuil, 1971.

_____. *Era inevitável a Revolução Russa?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *O socialismo num só país*. In: HOBBSAWN, Eric. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. vol. 7, p. 45.

PREOBRAJENSKY. *A Nova Econômica*. RJ: Paz e Terra, 1979.



REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida - A história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Prefácio à *Nova Econômica*. In: PREOBRAJENSKY. *A Nova Econômica*. RJ: Paz e Terra, 1979.

RODRIGUES, Robério Paulino. *O colapso da URSS. Um estudo das causas*. Tese de doutorado - USP.

SERGE, Victor. *El año uno de la Revolución Russa*. México, D.F.: Siglo Veinteuno Editores, 1969.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Stalin. El gran organizador de derrotas*. Buenos Aires: Yunque, 1974.

_____. *A revolução traída*. Lisboa: Antídoto, 1977a.

_____. *Escritos*. Bogotá: Editorial Pluma, 1977b.

_____. *A revolução desfigurada*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979a.

_____. *A revolução permanente*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979b.

_____. *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Proposta Editorial, (s.d.).

*III Internacional Comunista. Manifesto, teses e resoluções do 1º congresso. vol. 1 .
Cadernos de Formação Marxista*. SP: Ed. Brasil Debates, 1988.

*III Internacional Comunista. Manifesto, teses e resoluções do 2º congresso. vol. 2 .
Cadernos de Formação Marxista*. SP: Ed. Brasil Debates, 1988.

*III Internacional Comunista. Manifesto, teses e resoluções do 3º congresso. vol. 3 .
Cadernos de Formação Marxista*. SP: Ed. Brasil Debates, 1988.

*III Internacional Comunista. Manifesto, teses e resoluções do 4º congresso. vol. 4 .
Cadernos de Formação Marxista*. SP: Ed. Brasil Debates, 1988.